

DOMINGO, 9 DE SETEMBRO DE 1990

Meio Ambiente

Caça é diversão na Amazônia

Migrantes do Sul do País mudam o perfil dos caçadores da floresta amazônica

CILENE PEREIRA

A caça na Amazônia deixou de representar apenas uma importante fonte de alimentação ou uma maneira primária de proteção de rebanhos para se transformar também em atividade de lazer. A constatação faz parte de uma ampla pesquisa feita com a população da região, realizada pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). De acordo com o trabalho, que será apresentado no final do mês no Congresso Internacional de Agroecologia, na Itália, a nova característica da prática da caça na região — tradicionalmente exercida para a subsistência — foi introduzida com a migração de colonos do sul do País, onde essa atividade é encarada como hobby.

O diagnóstico da situação da caça na Amazônia foi feita por meio da aplicação de questionários a 1.175 famílias de três regiões diferentes: reserva extrativista de seringa localizada na bacia do Rio Tejo (Acre), Machadinho D'Oeste (Rondônia) e Axixá, Arraia e Taquaraçu (Tocantins). "Escolhemos ecossistemas e populações distintas para observar as mudanças de hábitos e também de espécies procuradas", explicou o biólogo José Roberto Miranda, pesquisador da Embrapa responsável pela coordenação da pesquisa.

Depois de quase dois anos percorrendo as áreas estudadas, a equipe de Miranda conseguiu não só levantar as razões que ainda mantêm viva a prática da caça, como recolheu informações suficientes para preparar a lista dos animais preferidos pelos caçadores. Em primeiro lugar nas preferências das populações da reserva extrativista e de Machadinho D'Oeste, por exemplo, estão a paca e a cotia, enquanto nos três municípios de Tocantins os escolhidos são a jaguatirica e a raposa-do-campo.

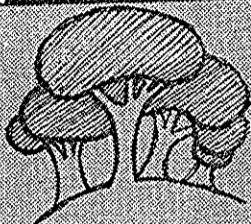
OPÇÃO DE LAZER

Em cada uma das regiões, no entanto, há motivos diferentes para justificar a caça. "No Acre, a população é nativa, e procura na caça uma alternativa de alimentação", salienta Miranda. Segundo os seus cálculos, uma família de seringueiros da reserva consome, em média, 120 quilos de caça bruta (com pele e ossos) por mês.

Em Rondônia e no Tocantins, de acordo com a pesquisa, a população vê também na

Vítimas da caça

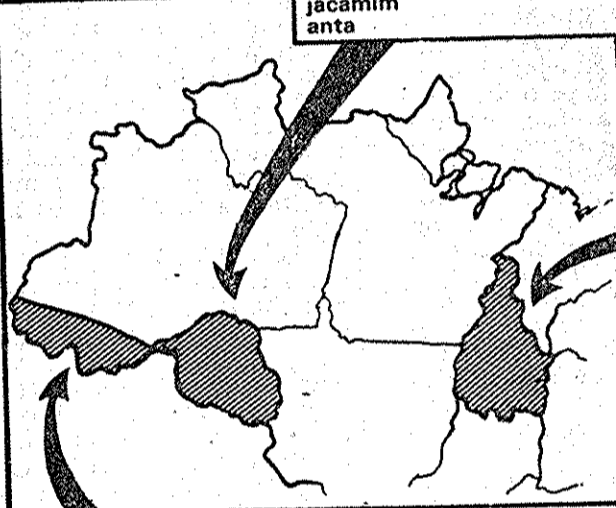
Pesquisa do Núcleo de Monitoramento da Embrapa identificou as espécies mais procuradas por caçadores em três regiões da Amazônia



Rondônia:

Região de fronteira agrícola, com forte presença de colonos vindos do sul do País. Vegetação de floresta.

- cotia
- paca
- veado mateiro
- tatu-peludo e tatu-galinha
- jacu (ameaçado de extinção)
- mutum (ameaçado de extinção)
- cateto
- macuco (ameaçado de extinção)
- jacamim
- anta



Tocantins:

Região de pré-floresta, com vegetação natural de cerrado. A população vê na caça mais uma diversão do que uma fonte de alimentação.

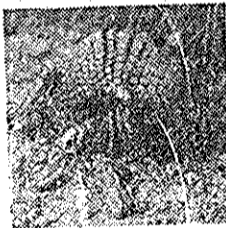
- jaguaririca (ameaçada de extinção)
- raposa-do-campo
- cotia
- tatu-peludo e tatu-galinha
- veado mateiro e veado catingueiro
- tamanduá (ameaçado de extinção)
- cateto
- seriema
- perdiz
- codorna



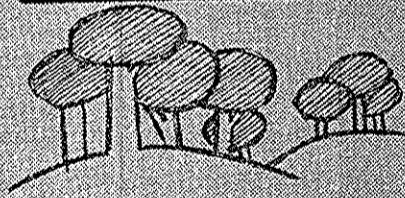
Acre:

Reserva extrativista de seringa, com vegetação típica de floresta tropical úmida. A caça representa importante fonte alimentar para a população local.

- cotia
- paca
- tatu-galinha, tatu-bola e tatu-canastra (os dois últimos ameaçados de extinção)
- jacu (ameaçado de extinção)
- jabuti
- inambu
- cateto (porco-do-mato)
- quati
- macacos bugio e soim de coleira (ameaçados de extinção)
- veado mateiro



MONTENEGRO/ArteEstado



caça uma opção de lazer e, em alguns casos, uma maneira de proteção. "Em Rondônia, a maioria das pessoas veio do sul do País, onde a caça não representa fonte de alimentação, mas uma espécie de passatempo", explica o biólogo. "Já no Tocantins, além do prazer, caça-se para proteger rebanhos de animais perigosos."

O impacto sobre as espécies caçadas também se modifica em cada local. Por caçarem praticamente durante toda a vida e necessitarem do animal para alimentação, as pessoas do Acre não têm preferências acentuadas por nenhum bicho. "O impacto, assim, fica mais difuso, apesar de alguns animais ainda serem mais caçados do que outros", esclarece Miranda. "Isso provoca uma pressão muito grande apenas sobre determinadas espécies, o que as torna mais vulneráveis", ressalta.

A solução, segundo Miranda, seria a adoção de sistemas de manejo com a reprodução em cativeiro dos animais mais ameaçados, proposta também sustentada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais

Renováveis (Ibama). "Não podemos tapar o sol com a peneira e ignorar o problema da caça", admite o chefe da divisão de Fauna e Flora Silvestre do órgão, o médico veterinário Jordan Wallauer, ao lembrar que o Ibama já administra mais de 50 criadouros de animais que estão na iminência de desaparecer sob a mira de caçadores.

Na opinião do presidente da Associação Brasileira de Caça e Preservação, Cláudio Noschese, a caça só deixará de ser mais um fator a empurrar determinados animais ao desaparecimento se for regulamentada. "Se houvesse a regulamentação, seria possível estabelecer regras que definiriam quais as espécies que poderiam ser caçadas, em que época, e em qual quantidade", defende.

Tanto Miranda quanto Noschese e Wallauer concordam, porém, que a preservação dos habitats naturais dos animais é a mais urgente e importante providência a ser tomada. "Não há bicho que resista quando alguém destrói a sua casa", assegura o biólogo Miranda.